

# RUBEM AZEVEDO LIMA

## *Economia-Brasil* Lágrimas políticas

Uma das questões mais difíceis de entender, na estratégia da equipe econômica do presidente Fernando Henrique Cardoso, para impedir o ataque da especulação mundial às reservas cambiais do Brasil, é a insistência em preservar a alta da taxa de juros, de 29,75% para 49,75% desde setembro último.

Fez-se isso para proporcionar ganhos atrativos aos especuladores, na esperança de convencê-los, a curto prazo, das vantagens de deixarem seus capitais voláteis no país. Mas esse tipo de aposta de risco elevou a dívida pública brasileira de modo substancial. No fim do ano, o Brasil terá de pagar cerca de R\$ 70 bilhões de juros, e os especuladores, temerosos da repetição, aqui, da crise russa, não se deixaram atrair pelas ofertas brasileiras.

Em pouco tempo, nossas reservas caíram de US\$ 75 bilhões para US\$ 40 bilhões, ainda assim porque o país recebeu, antecipadamente, parte das prestações vinculadas pela privatização das estatais de telecomunicações, de US\$ 7 bilhões.

Os especuladores desconfiaram da alta despropositada nos juros, encarando-a como sinal de que nossas próprias autoridades econômicas admitiam a situação crítica da economia. O pedido de ajuda ao FMI foi outro fator que deixou o Brasil em condições parecidas com as da Rússia. Resultado: a manobra altista dos juros foi um fracasso. Até o presidente, responsável por ela, chamou-a de flagelo, mas se vê obrigado a mantê-la por mais algum tempo contra o parecer de empresas de consultoria internacional.

Tal insistência complicou ainda mais a situação do país. Em discurso no Senado, quarta-feira passada, o senador opositorista Roberto Requião deixou seus pares perplexos com as cifras assustadoras que citou sobre a realidade brasileira. Ao concluir o pronunciamento, saudado inclusive pelos raros senadores governistas no recinto, ele concitou o país à elaboração de um projeto de salvação nacional contra a perspectiva — a seu ver próxima — de caos, caso a atual política econômica, responsável pela devastação do

Estado, acabe também devastando a nação.

Quase ao mesmo tempo, um pequeno grupo de próceres do PFL e de economistas confiáveis avaliava, reservadamente, a situação do país em face da política de juros superelevados. A adoção do receituário do FMI — organização desqualificada até pelo ex-secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger — foi muito criticada por implicar o agravamento da recessão interna.

Entre outras coisas, admitiu-se que o presidente poria em xeque o que lhe resta de credibilidade e não teria, como Ieltsin na Rússia, condições de administrar a crise econômica. Ouviu-se um desabafo dramático: FHC, em breve, poderia não ter sequer como sair às ruas. Estranhou-se que o presidente, político sensível a ponto de chorar na assinatura do acordo de paz do Equador com o Peru, não notasse os perigos que o cercam devido à alta voltagem da agenda de sua equipe econômica. E, cá entre nós: se a crise explodir, como se receia, faltarão lágrimas a FHC para chorar por si mesmo.